

NATASHA SOLOMONS

UMA CASA DE FAMÍLIA

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ELSA T. S. VIEIRA

ASA

CAPÍTULO 1

OBSERVAÇÕES GENÉRICAS SOBRE QUADRÚPEDES

Quando fecho os olhos vejo a Casa de Tyneford. Na escuridão, quando me deito para dormir, vejo a fachada de pedra de Purbeck à luz do fim da tarde. O sol reflete-se nas janelas do piso de cima e o ar está carregado com o cheiro a magnólia e a sal. Há hera agarrada ao arco do alpendre e uma pega debica os líquenes que cobrem as telhas de calcário do telhado. O fumo ergue-se de uma das grandes chaminés e as folhas na avenida de tílias, ainda de pé, são do verde de maio e lançam um padrão de sombras no caminho. Ainda não há ervas daninhas a rasgar os canteiros de alfazema e tomilho, e o relvado está aparado como veludo e estende-se em faixas verdejantes. Não há buracos de bala no antigo muro do jardim e as janelas da sala de estar estão escancaradas, o vidro ainda não estilhaçado pelo fogo de artilharia. Vejo a casa como era então, naquela primeira tarde.

Não há ninguém à vista. Oiço o tinido do tabuleiro das bebidas a ser preparado; no terraço, há uma taça de camélias cor-de-rosa sobre a mesa. E, na baía, os barcos de pesca baloçam na maré, com as redes lançadas, a água a bater na madeira. Ainda não fomos exilados. As habitações ao longo da costa não estão em ruínas, com avelaneiras e espinheiros a crescer entre as lajes. Ainda não entregámos Tyneford às armas e aos tanques e aos pássaros e aos fantasmas.

Hoje em dia, cada vez me esqueço de mais coisas. Nada de muito importante, por enquanto. Ainda há pouco estava a falar com alguém ao telefone e, mal pousei o auscultador, apercebi-me de que me esquecera de quem era e do que tínhamos dito. Provavelmente lembrar-me-ei mais tarde, quando estiver a tomar banho. Também me esqueci de outras coisas: já não tenho os nomes dos pássaros na ponta da língua e, tenho vergonha de o dizer, não me lembro onde plantei os bolbos dos narcisos para a primavera. Contudo, à medida que os anos levam tudo o resto, Tyneford permanece – um pequeno seixo liso de memória. Tyneford. Tyneford. Como se, ao dizer o nome muitas vezes, pudesse lá voltar. Aqueles verões eram longos e azuis e quentes. Lembro-me de tudo, ou penso que me lembro. Não me parece ter sido há muito tempo. Revivi cada momento tantas vezes, na minha mente, que oiço a minha própria voz em todas as partes. Agora, enquanto escrevo, as coisas parecem-me fixas, absolutas. No papel vivemos de novo, jovens e inocentes, com tudo ainda por acontecer.

Quando recebi a carta que me trouxe a Tyneford, não sabia nada sobre a Inglaterra, exceto que não ia gostar de lá estar. Nessa manhã, empoleirei-me no sítio do costume, ao lado do corredor da loiça, na cozinha, enquanto Hildegard tratava dos seus afazeres, com os braços sujos de farinha até aos cotovelos e uma sobrançelha branca como neve. Ri-me, ela atirou-me o pano e deixei cair a côdea de pão para o chão.

– *Gut*. Um bocadinho menos de pão e de manteiga não lhe fará mal nenhum.

Franzi a testa e sacudi as migalhas para o linóleo do chão. Desejei poder ser mais como a minha mãe, Anna. A preocupação deixara Anna ainda mais magra. Os seus olhos eram enormes, em contraste com a pele pálida, de tal forma que ela se parecia mais do que nunca com as heroínas operáticas que representava. Anna já era uma estrela quando casou com o meu pai – uma beldade de olhos negros, com uma voz como cerejas e chocolate. Era uma cantora a sério; quando abria a boca e começava a cantar, o tempo parava por um instante

e todos a escutavam, banhando-se no som, sem saber bem se aquilo que ouviam era real ou uma imaginação perfeita. Quando os problemas surgiram, começaram a chegar as cartas, de Veneza e de Paris, de tenores e de maestros. Até houve uma carta de um contrabaixista. Eram todas iguais: *Querida Anna, deixe Viena e venha para Paris/Londres/Nova Iorque que eu mantenho-a em segurança...* Claro que ela não partiria sem o meu pai. Ou sem mim. Ou sem Margot. Eu teria ido sem hesitar, arrumaria os meus vestidos de baile (se tivesse algum) e fugiria para bebericar champanhe nos Campos Elísios. Porém, não chegou carta nenhuma para mim. Nem sequer um bilhete de um segundo violonista. Assim, comia pão com manteiga enquanto Hildegard cosia pequenos pedaços de elástico na cintura das minhas roupas.

– Venha. – Hildegard enxotou-me de cima do balcão e conduziu-me para o meio da cozinha, onde, aberto sobre a mesa, estava um grande livro salpicado de farinha. – Tem de praticar. O que havemos de fazer?

Anna comprara-o numa loja de livros usados e oferecera-mo com um floreado orgulhoso. *Gestão Doméstica*, da senhora Beeton – um quilo de livro para me ensinar a cozinhar e a limpar e a comportar-me. Esse seria o meu pouco glamoroso destino.

Com a trança na boca, abri o livro no índice.

– *Observações Genéricas sobre Quadrúpedes... Sopa de Tartaruga Fingida... Tarte de Enguia...* – Estremeci. – Este – disse, apontando para uma entrada a meio da página. – Ganso. Eu devia saber cozinhar ganso. Disse que sabia.

Um mês antes, Anna fora comigo à estação do telégrafo para eu poder enviar um «Anúncio de Refugiada» para o *Times* de Londres. Eu arrastara os pés pelo passeio, aos pontapés às pilhas de flores molhadas no chão.

– Não quero ir para Inglaterra. Quero ir para a América consigo e com o papá.

Os meus pais tinham esperança de fugir para Nova Iorque, onde a Ópera Metropolitana os ajudaria a obter um visto, desde que Anna cantasse.

Anna acelerou o passo.

– E virás. Mas, por enquanto, não conseguimos arranjar um visto americano para ti.

Parou no meio da rua e segurou o meu rosto nas mãos.

– Prometo-te que, antes mesmo de ir espreitar os sapatos na Bergdorf Goodman's, procurarei um advogado para te trazer para Nova Iorque.

– Antes de ir ver os sapatos na Bergdorf's?

– Prometo.

Anna tinha pés minúsculos e um apetite insaciável por sapatos. A música podia ser o seu primeiro amor, mas os sapatos eram decididamente o segundo. O seu roupeiro estava forrado com filas após filas de sapatinhos de salto alto delicados, cor-de-rosa, cinzentos, de verniz, de pele e de camurça. Ela estava a trocar de si própria para me acalmar.

– Por favor, deixa-me pelo menos ver o teu anúncio – implorou Anna. Antes de conhecer o meu pai, Anna cantara uma temporada em Covent Garden e o seu inglês era quase perfeito.

– Não. – Tirei-lhe o papel. – Se o meu inglês for tão terrível que só arranjarei lugar num albergue, a culpa é minha.

Anna tentou não se rir.

– Querida, por acaso sabes o que é um albergue?

Claro que eu não fazia ideia, mas não podia dizê-lo a Anna. Tinha visões de refugiadas como eu, a desmaiarem à vez em cima de sofás demasiado fofos. Indignada por ela me estar a arreliar, obriguei Anna a esperar na rua enquanto enviava o telegrama:

JUDIA VIENENSE, 19 anos, procura posição como criada doméstica. Fala inglês fluente. Cozinharei o seu ganso. Elise Landau. Viena 4, Dorotheegasse, 30/5.



Hildegard lançou-me um olhar duro.

– Elise Rosa Landau, imagine que não tenho ganso nenhum na despensa hoje, portanto faça o favor de escolher outra coisa.

Estava prestes a escolher a Tarte de Papagaio, apenas para irritar Hildegard, quando Anna e Julian entraram na cozinha. Ele tinha uma carta na mão. O meu pai, Julian, era um homem alto, um metro e oitenta descalço, com cabelo preto espesso e apenas um toque de cinzento nas têmporas, e olhos azuis como um mar de verão. Os meus pais eram a prova viva de que as pessoas bonitas nem sempre têm filhos bonitos. A minha mãe, com a sua beleza frágil e loira, e Julian tão atraente que usava sempre os óculos de armações metálicas para diminuir o efeito daqueles olhos demasiado azuis (eu experimentara os óculos quando ele estava a tomar banho e descobrira que as lentes eram tão fracas que quase não passavam de vidro transparente). No entanto, de alguma forma, este casal produzira-me a mim. Durante anos, as tias-avós tinham arru-lhado:

– *Ach*, esperem até ela desabrochar! Aos doze anos, escrevam o que vos digo, será igualzinha à mãe.

Na verdade, eu não era nada parecida com a minha mãe. Os doze anos tinham chegado e passado. As pessoas esperaram pelos dezasseis. Ainda nada de desabrochar. Aos dezanove, até Gabrielle, a mais otimista das tias-avós, perdera a esperança. O melhor que conseguia dizer era:

– Ela tem os seus encantos. E personalidade.

Se esta personalidade era boa ou má, nunca diziam.

Anna estava atrás de Julian, a pestanejar e a passar a ponta da língua rosada pelo lábio inferior. Endireitei-me e concentrei-me na carta que Julian tinha na mão.

– É de Inglaterra – disse ele, e estendeu-me o envelope.

Aceitei-o e, com uma lentidão deliberada, bem consciente de que estavam todos a olhar para mim, enfiei uma faca de manteiga sob o selo. Tirei uma folha de papel macio com marca de água,

desdobrei-a e alisei os vincos. Li devagar, em silêncio. Os outros esperaram um minuto e depois Julian interrompeu:

– Por amor de Deus, Elise. O que diz?

Fulminei-o com um olhar. Era algo que fazia muito, naquele tempo. Ele ignorou-me e li em voz alta.

Cara Fraulein Landau,

O senhor Rivers pede-me que lhe escreva para dizer que a posição de criada de sala na Casa de Tyneford é sua, se a desejar. Ele concordou em assinar os documentos necessários para a obtenção de um visto, desde que se comprometa a ficar em Tyneford por um mínimo de doze meses. Se desejar aceitar a colocação, por favor escreva ou telegrafe na volta do correio. Quando chegar a Londres, dirija-se à Agência Mayfair em Audley St. W1, onde tratarão dos preparativos para o resto da sua viagem até Tyneford.

Melhores cumprimentos,

Florence Ellsworth

Governanta, Casa de Tyneford

Baixei a carta.

– Mas doze meses é muito tempo. Eu queria estar em Nova Iorque antes disso, papá.

Julian e Anna trocaram um olhar e foi ela que respondeu.

– Feijãozinho, espero que possas estar em Nova Iorque dentro de seis meses. Mas, para já, tens de ir para onde é mais seguro.

Julian puxou-me a trança num gesto afetuoso e brincalhão.

– Não podemos ir para Nova Iorque enquanto não soubermos que estás fora de perigo. Assim que chegarmos, mandar-te-emos buscar.

– Suponho que é tarde de mais para eu ter aulas de canto, não é?

Anna limitou-se a sorrir. Então era verdade. Eu ia deixá-los. Até este momento, não fora real. Eu escrevera o telegrama, até o enviara para Londres, mas parecera-me apenas um jogo. Sabia que as coisas estavam más para nós, em Viena. Ouvira as histórias de

senhoras de idade a serem arrastadas das lojas pelos cabelos e obrigadas a esfregar o chão. Frau Goldschmidt fora forçada a limpar excrementos de cão da sarjeta com a sua estola de *vison*. Eu ouvira quando ela o confessara a Anna; estava encolhida no sofá da sala, com a chávena de porcelana a tremer nas mãos, enquanto confienciava a sua provação:

– O mais engraçado é que nunca gostei daquela estola. Foi um presente do Herman e só a usava para lhe agradecer. Era demasiado quente e era a cor preferida da mãe dele, não a minha. Ele nunca aprendia... Ainda assim, estragá-la daquela maneira...

Parecera-me mais perturbada com o desperdício do que com a humilhação. Antes de ela sair, vi Anna enfiar discretamente um abafo de lebre-ártica no seu saco de compras.

As evidências dos tempos difíceis estavam também no nosso apartamento, por todo o lado. Havia arranhões no chão da sala grande, onde em tempos estivera o piano de cauda de Anna. Valia quase dois mil xelins – um presente de um dos maestros do La Scala. Chegara uma primavera, antes de Margot e eu nascermos, mas todos sabíamos que Julian não gostava de ter esta recordação de um apaixonado anterior a atafulhar a sua sala. Fora içado por uma roldana e entrara pelas janelas da casa de jantar, cujos vidros tiveram de ser removidos para o efeito – ah, como Margot e eu desejávamos poder ter visto o grande espetáculo do piano voador. Ocasionalmente, quando Julian e Anna tinham uma das suas raras discussões, ele resmungava:

– Porque é que não podes ter uma caixa com cartas de amor ou um álbum de fotografias, como as outras mulheres? Porquê o raio de um piano de cauda? Um homem não devia ser obrigado a tropeçar na paixão do seu rival.

Anna, tão gentil em quase todas as coisas, era inflexível em questões de música. Cruzava os braços, endireitava-se, esticando ao máximo o seu metro e meio, e anunciava:

– A menos que queiras gastar dois mil xelins noutra piano e demolir outra vez a sala de jantar, o piano fica.

E ficou, até um dia, quando cheguei a casa depois de um recado falso que Anna me mandara fazer e descobri que já lá não estava. Havia vincos no chão de parqué e, de um apartamento vizinho, ouvia-se a algazarra penosa de um principiante sem talento a aprender a tocar. Anna vendera o seu adorado piano a uma mulher do nosso prédio, por uma fração do seu valor. Todas as tardes, às seis horas, ouvíamos a barulheira de escalas desafinadas, umas atrás das outras, enquanto o filho borbulhento da nossa vizinha era obrigado a praticar. Eu imaginava que o piano queria entoar um lamento pela forma como estava ser tratado, que o instrumento sonhava com o toque de Anna enquanto era estropiado até ficar irreconhecível. Os seus tons quentes e sombrios tinham-se, em tempos, misturado com a voz de Anna como natas em café. Depois do desterro do piano, todas as tardes, às seis, Anna arranjava sempre um motivo para sair de casa – esquecera-se de comprar batatas (embora a despensa estivesse cheia delas), tinha de ir pôr uma carta no correio, prometera ajudar Frau Finkelstein a tratar dos calos.

Apesar do piano exilado, das peles arruinadas, dos quadros desaparecidos das paredes, da expulsão de Margot do conservatório por motivos raciais e do lento desaparecimento de todas as criadas mais novas, até só restar a velha Hildegard, até este momento eu nunca acreditara realmente que teria de deixar Viena. Adorava a cidade. Fazia parte da minha família, tanto como Anna ou as tias-avós Gretta, Gerda e Gabrielle. Era verdade que estavam a acontecer cada vez mais coisas estranhas mas, aos dezanove anos de idade, nunca me tinha acontecido nada verdadeiramente terrível e, abençoada com as expectativas de uma otimista inveterada, eu acreditava realmente que ia correr tudo bem. De pé na cozinha, quando olhei para o rosto de Julian e vi o seu meio sorriso triste, soube pela primeira vez na minha vida que não ia correr tudo bem, que as coisas não mudariam para melhor. Tinha de deixar a Áustria, e Anna, e o apartamento em Dorotheegasse com as suas janelas altas com vista para os álamos que brilhavam como fogo cor-de-rosa quando o sol se erguia por trás deles, e o rapaz da mercearia que vinha todas as

terças-feiras vender gelo aos gritos de «*Eis! Eis!*». E as cortinas de damasco no meu quarto, que eu nunca fechava para poder ver o brilho amarelo dos candeeiros da rua e as luzes gémeas dos elétricos que passavam lá em baixo. Tinha de deixar as tulipas encarnadas no parque em abril, e os vestidos brancos rodados no Baile da Ópera, e as luvas que aplaudiam enquanto Anna cantava e Julian limpava lágrimas de orgulho com o seu lenço bordado, e o gelado à meia-noite na varanda nas noites de agosto, e Margot e eu a apanharmos banhos de sol em espreguiçadeiras às riscas no parque enquanto ouvíamos os trompetes no coreto, e Margot a deixar queimar o jantar, e Robert a rir-se e a dizer que não fazia mal e nós a comermos maçãs e tostas de queijo, e Anna a mostrar-me como calçar as meias de seda com luvas de pelica para não as romper, e, e...

– Senta-te, bebe um pouco de água.

Anna estendeu-me um copo enquanto Julian colocava uma cadeira de madeira atrás de mim. Até Hildegard parecia abalada.

– Tens de ir – disse Anna.

– Eu sei – respondi, e apercebi-me ao dizê-lo de que a minha infância luxuosa e prolongada chegara ao fim. Olhei para Anna com uma sensação arrepiante de tempo a oscilar como um balancé. Memorizei todos os detalhes: a pequena ruga no centro da sua testa que aparecia quando estava preocupada; Julian ao lado dela, com a mão pousada no seu ombro; a seda cinzenta da blusa da minha mãe. Os azulejos azuis atrás do lava-loiça. Hildegard a torcer o pano da loiça.

Essa Elise, a rapariga que eu era então, diria que sou uma velha, mas está enganada. Eu ainda sou ela. Estou de pé na cozinha, com a carta na mão, a observar os outros – e à espera – e sei que tudo tem de mudar.

